

O “INTERNETÊS”
E OS “MAL-ENTENDIDOS” NO MUNDO VIRTUAL:
SOB A ÓTICA DA TEORIA DA VALORAÇÃO

Fabiana Julio Ferreira (UERJ)

fabianaj@bigfoot.com

Tania Maria Granja Shepherd (UERJ)

tianiashepherd@terra.com.br e tania.shepherd@gmail.com

1. Introdução

A linguagem usada para determinadas interações virtuais tem pouco mais de vinte anos e ainda é um tema extremamente novo não só para leigos como também para pesquisadores. Hoje em dia, não é difícil encontramos vários estudos sobre essa “linguagem virtual”, sendo os mais conhecidos os trabalhos de David Crystal que, desde 2001, vem escrevendo sobre o tema, especificamente em *Language and the Internet*, *A glossary of Netspeak, Textspeak, Txting: the gr8 db8* e o mais recente *Internet linguistics*.

Tão novo e tão polêmico, o internetês gerou inintencionalmente uma grande “guerra” cujos participantes são ele mesmo, a norma culta e muitos pais e professores que se preocupam com o fato de o internetês poder estar “corrompendo” as mentes dos jovens ainda em formação linguística. Existe o grande medo de que o usuário não saiba distinguir onde e quando deve usar o internetês e que isso o atrapalhe no aprendizado do português culto.

Este artigo focalizará o que é pertinente à comunicação em geral em internetês: a construção dos sentidos quando todos os fatores de compreensão são conhecidos e obedecidos e o que também chamamos de mal-entendido, isto é, a falha na comunicação entre interlocutores que pode gerar os mais variados efeitos a partir da teoria da valoração. O mal-entendido pode ocorrer em várias esferas e pode ser de natureza falada ou escrita. Focaremos na comunicação virtual escrita e na falha pragmática que pode ocorrer na comunicação virtual entre aqueles que dominam o uso ou não desta forma linguística.

Avaliaremos o internetês procedente apenas de interações via MSN e Facebook¹. Também utilizaremos questionários avaliativos de usuários e não usuários do internetês, suas crenças e costumes virtuais, entrevistas com os participantes e não participantes das interações e análise dos dados.

2. O internetês

Para analisarmos o mal-entendido e suas consequências existe a necessidade de se definir o termo "internetês" e estabelecer como ele será visto neste trabalho.

A linguagem usada nas interações virtuais síncronas recebe seus vários rótulos dependendo da língua base que fundamenta essas mesmas relações. *Netspeak* (CRYSTAL, 2001, p. 19) é como se chama a linguagem usada por falantes cujo meio de comunicação é o inglês. No caso da língua portuguesa, o rótulo recebido foi o de internetês. Entretanto, existem autores como Silva (2007) que sugerem que as linguagens usadas nas interações virtuais não merecem ser nomeadas qualquer coisa, demonstrando o preconceito linguístico ainda existente inclusive por parte de estudiosos da linguagem. Sendo assim, comumente, ao falarmos sobre o internetês, deparamo-nos com definições como “barbarismo”, “assassinato da língua portuguesa”, “degradação da escrita”, entre outros.

O *Netspeak* distingue-se do internetês pelos motivos já citados sendo o mais óbvio o uso de línguas diferentes (português e inglês) e o fato de o internetês, além de peculiaridades próprias, ainda receber influência do inglês em palavras e acrônimos que são adotados no seu uso. As distinções entre internetês e a norma culta da língua portuguesa, segundo uma lista adaptada de Crystal (2001, p. 8) para o *Netspeak*, podem ser de ordem:

1. Gráfica;
2. Ortográfica
3. Gramatical;
4. Lexical;
5. Discursiva;
6. Fonética;
7. Fonológica.

Um dos meios para facilitar a comunicação entre dois enunciadores na Internet são os *emoticons*, pequenas “carinhas” que servem para

¹ Em estudo mais detalhado faremos a avaliação etnográfica de ambos em outro momento.

demonstrar algum tipo de emoção (ver **Figura 1** abaixo). Um dos sites disseminadores dos emoticons sugere “**Emoticons** para MSN, Milhares de **Emoticons** Grátis, **Emoticons** para Windows Live Messenger, **Emoticons** Animados, Exprese suas emoções com **emoticons...**”

(Fonte: www.messbrasil.com.br/emoticons.php)

O que chama a atenção nesta afirmação é a parte em que os criadores do site explicitamente enfatizam “expresse suas emoções com emoticons”. Isso quer dizer que existe uma consciência de que a escrita no mundo virtual por si só pode ser distante e mal-interpretada. O próprio nome “Emoticon” não vem ao esmo: significa a junção das palavras “Emotion” (emoção) e “Icon” (ícone), por isso seu objetivo principal é o de demonstrar emoções, o que por muitas vezes evita situações constrangedoras onde o interlocutor poderia ser interpretado erroneamente, pois a ‘carinha’ denota a emoção ligada às palavras digitadas. Por esse meio, o leitor pode saber se algo foi dito com seriedade ou não. Exemplos de emoticon seguem no exemplo abaixo:



FIGURA 1 Lista de emoticons fornecida pelo aplicativo Windows Live Messenger. (Imagem reproduzida pelo programa Microsoft Paint)

A amostra que se segue foi tirada de uma conversa de MSN entre três indivíduos do sexo feminino do Rio de Janeiro. Todos os nomes são fictícios para garantir a anonimidade dos participantes. Maria tem 17 a-

nos, Joana, 16 e Carol, 18. As linhas de conversação foram numeradas para referência. Os números entre parênteses indicam a hora e minutos em que a interação ocorreu. Nela podemos perceber a repetição de vogais, como nas linhas 1 e 5. Komesu e Tenani (2009) dizem que nem tudo dos diálogos escritos da internet tem origem na oralidade, mas nesse caso, podemos afirmar que a repetição das vogais traz a oral para a escrita, denotando empolgação, choque, incredibilidade e até humor, dependendo do caso. Podemos perceber também o uso de letras maiúsculas, como no caso das linhas 5, 7 e 13, que representam que o interlocutor está gritando. É feito o uso de abreviações, como “gnt” ao invés de “gente” na linha 8. Há a representação de interjeições sonoras como vemos na linha 9. “Ruum” denota o som que alguém poderia fazer quando se está zangado, assim como as risadas das linhas 12 e 15. Podemos ver a falta de acentuação, como “distancia” e “não” ao invés de “distância” e “não” nas linhas 18 e 19. Vemos a influência do inglês, como citado anteriormente, na linha 22 onde temos “omg” que significa “Oh, my God!”. Talvez o mais marcante desta interação seja o uso de símbolos como *-* -,: (que servem como emoticons. Ao entrevistarmos Carol, perguntamos o porquê de não terem usado os símbolos fornecidos na figura 1, ao que ela respondeu serem mais usados por internautas “novatos”. Por conta disso, ela e suas amigas usam símbolos diferentes ou acrescentam algum espaço entre eles para que o Windows Live Messenger não reconheça como uma das suas “carinhas” e os substitua automaticamente.

- 1-(22:26) **Maria**:=:geente
 2-(22:26) **Maria**:=:mas me contem os babados das férias?!
 3-(22:27) **Joana** :eu to namorando..
 4-quer babado maior? (:
 5-(22:27) **Carol**:QUE TUUUUUUUUUUDO *-*
 6-com quem? *-*
 7-(22:28) **Maria** =:COM QUEM?
 8-nem conta pra gnt!
 9-Ruum
 10-(22:29) **Joana** :então..
 11-moreno alto..bonito e sensual ~mas
 12-(22:30) **Maria** =:HAUAHUAHUHAUAH
 13-(22:30) **Joana** :MAS
 14-tem um pequeno pequeno..detalhe:x
 15-(22:31) **Carol**:qual? UHAHUSAHUSAHUSAHU
 16-(22:31) **Joana** :6 horas..
 17-(22:31) **Maria** =:qual?
 18-(22:31) **Joana** :de distancia -,:
 19-(22:31) **Maria** =:nao acredito
 20-cele mora onde?ele*
 21-(22:31) **Joana** :sp

22-(22:32) Carol:omg ;s
 AMOSTRA 1 – itálico nosso

Tendo apresentado uma amostra do internetês, com suas características, passamos agora para o motivo principal deste trabalho, o mal-entendido e uma possível aplicação da teoria da valoração para entender o que ocorrer nas trocas virtuais.

3. O mal-entendido e a teoria da valoração

Para a percepção do que seja mal-entendido, ou falha na comunicação, além da definição que nos é dada pelo campo da pragmática, fizemos um questionário que está sendo respondido por participantes de faixas etárias variadas. Ainda está em estágio inicial, mas já tivemos 112 respostas. A partir do que os participantes definirem como mal-entendido virtual, começaremos a analisar essas falhas e nos basearemos na teoria de *valoração* ou *avaliatividade* como instrumento de análise das interações.

Segundo White “*Appraisal theory is concerned with the linguistic resources by which texts/speakers come to express, negotiate and naturalise particular inter-subjective and ultimately ideological positions*”. Em outras palavras a teoria a ser usada na análise dos questionários foca particularmente na linguagem da avaliação, atitude e emoção e com os recursos usados pelos enunciadores ao organizarem seus textos. O sistema de Appraisal ou valoração se estrutura da seguinte forma:

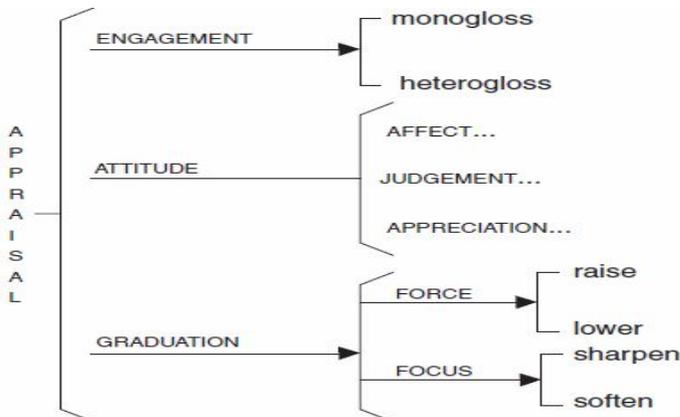


FIGURA 2 – Teoria da Valoração

Appraisal é uma teoria de posicionamento interpessoal, que dá conta de como um sujeito manifesta suas opiniões no texto. Divide-se em 3 subsistemas: engajamento, atitude e gradação. O engajamento pode ser monoglóssico ou heteroglóssico. A atitude pode ser dividida em: afeto, julgamento e apreciação. Já a gradação pode ser de força (alto ou baixo) ou foco (agudo ou suave).

O engajamento se refere a fazer vozes sobre opiniões em discurso; a atitude remete aos nossos sentimentos, reações emocionais, julgamentos de comportamento e avaliação. Já a gradação se refere ao fenômeno onde os sentimentos são aplicados.

Nas três partes constituintes do subsistema da atitude temos o afeto, que constrói e lida com a construção de reações emocionais; o julgamento, que concerne o acesso do comportamento de acordo com vários princípios normativos, por exemplo, crítica; a apreciação que é um recurso para construir o valor das coisas, inclusive fenômenos naturais.

Podemos avaliar esses conceitos na amostra abaixo de uma conversa entre duas mulheres do Rio de Janeiro no Facebook. Ângela tem 37 anos e é professora de inglês, assim como Márcia, que tem 36 anos. Novamente os nomes são fictícios para manter a privacidade dos participantes:

Angela: *Hoje é mais um dia pra ser feliz!*

Márcia: *Don't you dare be one of those ridiculously happy hippie people! Remember: the world sucks and everyone wants to screw you.*

Angela: *Well, dear... allow me to be ridiculous and hippie. All I want is to be happy and that's me!!!! I know the world isn't perfect and that life is hard sometimes, but that's what we're here for: TO OVERCOME!!!! All I want is to be better and better, spiritually speaking, and I thank God for everything and everybody around me, including you. IT'S ALWAYS TIME TO BE HAPPY AND THAT'S MY PROJECT!!! LOVE YOU!*

Márcia: *Good for you! hope I can feel the same one day>*

Márcia: *Well, I maybe not that happy. I don't trust happy people.*

Angela: *Whatever... let's not make a big deal out of it,, I won't say you can trust me 'cause that's something people naturally do. All I can say is I'm happy.*

AMOSTRA 2 – Conversa entre duas mulheres no Facebook (itálico nosso)

Foge a nosso conhecimento o porquê de as participantes do diálogo terem mantido uma interação onde o inglês predomina. Podemos sugerir que tal ocorre por serem ambas professoras de inglês, mas não cremos que tal fato seja alguma característica do internetês, especialmente

considerando-se que a maior parte das interações feitas entre *netizens* que não falam inglês isso mesmo não acontece. Analisando as palavras sublinhadas sob a ótica da teoria da valoração, temos logo de início a palavra *ridiculously* que carrega julgamento negativo no sentido que Márcia dá à sentença. A palavra *hippie* segue o mesmo caminho. A palavra *screw* nos deixa algumas considerações: se o mundo não presta (sucks), então o mundo é um lugar ruim e isso seria apreciação. Se todos querem acabar com você (*everyone wants to screw you*), então as pessoas são más, e isso seria julgamento. Então poderíamos ter o mundo como um lugar de apreciação e as pessoas como julgamento.

As palavras seguintes *ridiculously* e *happy*, embora tenham sido as mesmas usadas por Márcia, quando proferidas por Ângela apresentam julgamento de polo positivo. *Better and better* denota gradação. Em *that happy*, *that* infere gradação, enquanto *happy* infere afeto. Em *trust* e *happy*, *trust* seria afeto, enquanto *happy*, que está ligado a *people* seria julgamento de polo negativo.

A palavra *big* é gradação, o próximo *trust* é afeto e o último *happy* também é afeto.

Percebemos que os participantes têm ideias diferentes da noção de mundo, do conceito de *happy* e *hippie*, percebendo a diferença de polaridade nos julgamentos dessas palavras (positivo e negativo). Não ocorre negociação de sentidos ou tentativas de reparação, fazendo com que a interação pareça uma briga, um desentendimento, uma inabilidade de interação satisfatória para ambas as partes.

Várias pessoas estão se dando conta da importância de se ter algum tipo de procedimento ou ferramenta que os possibilite fazer determinadas brincadeiras no mundo virtual, tons sarcásticos, ironia, tudo que, apenas com a escrita, se perde. E, como podemos perceber pela teoria da Valoração, a escolha das palavras usadas é que vai levar toda a carga que vai direcionar a interação. Algumas dessas pessoas vêm questionando determinados usos como na amostra abaixo:

ANDRÉ Reparei que algumas pessoas têm muitíssima dificuldade em identificar quando estou sendo irônico. Devo me preocupar?

4 hours ago · Like · Comment



likes this.

Nancy incompetente
4 hours ago · Like · 1 person

Pedro Não.
4 hours ago · Like

João preocupe-se com elas...
4 hours ago · Like

Leandro Já te disse... pergunte ao Sheldon.
4 hours ago · Like

Jackie eu me preocupo...
4 hours ago · Like

Ana sim, muito, claro
4 hours ago · Like

Michael no seu lugar nem dormiria mais de tão preocupado
4 hours ago · Like · 1 person

André Fazer o sinal de aspas com os dedos para tentar identificar o momento de ironia eu acho cafona.
4 hours ago · Like

Michael e difícil de fazer isso em posts
4 hours ago · Like

André <ironia>Não brinca! </ironia>
4 hours ago · Like · 2 people

Latoya Não. Eu vivo tendo que explicar piada. Já falei que meu epitáfio tem que ser "era piada, gente" de tanto que eu vivo me explicando...
3 hours ago · Like

Amostra 3 Interação múltipla sobre como usar o tom irônico na internet

Aqui vemos a preocupação de André em não ser mal-interpretado pelo interlocutor quanto à ironia. Inicialmente, podemos considerar que ele está se referindo apenas à fala, mas no segundo post de Michael é demonstrada a dificuldade de isso ser feito virtualmente, dando início a uma série de tentativas não sérias sobre como isso deveria acontecer na web.

4. Conclusões preliminares

Sob a ótica da teoria da valoração, é possível perceber a força da escolha lexical no mundo cibernético. Também nos fica claro como as palavras podem ter significados diferentes para os usuários, como ocorre na amostra 2. A valoração nos ajuda a perceber e compreender tais diferenças e o internetês, através de suas convenções e ferramentas citadas anteriormente (emoticons, expressão de sons etc.), nos dá o suporte necessário para evitar que sejamos mal interpretados.

Ainda existe grande negociação no que se refere à linguagem no mundo virtual. Já que ainda não temos nada oficial, erroneamente, ainda existe a falsa crença de que virtualmente não se precisa ter certa etiqueta ou certas regras que tornam o comportamento do falante mais agradável. Essa negociação faz com que a internet mantenha regras já conhecidas e quebre algumas já existentes na busca de um conjunto de leis que defina a CMC. Consideremos, por exemplo, as máximas de Grice. A máxima da quantidade que sugere que sejamos tão informativos quanto necessário e evitar informações redundantes. Os textos na internet são mínimos e só o necessário e relevante é escrito. Um bom exemplo disso é o *Twitter*, que limita o participante a 140 caracteres por *tweet*. Já quanto à máxima da qualidade, a internet não está muito de acordo. Sendo definida como ser o mais verdadeira possível, essa máxima é quebrada pois nem tudo que está na internet pode ser confirmado. Vide os vários blogs de personagens imaginários existentes online, perfis falsos em redes sociais etc. A quebra dessa máxima é tão grande que o *Twitter* chegou a criar a “conta verificada” (Verified Account) quando se refere à conta de alguém famoso para que seus fãs saibam que estão na conta real da pessoa em questão e não em uma conta falsa criada por outro fã.

O internetês nos permite o uso de ferramentas que possibilitem a comunicação e melhor compreensão da informação que pretende ser transmitida e saber usá-lo nos dias atuais tem se mostrado quase imprescindível. Como vimos na amostra 2 acima, a falta de consciência da linguagem virtual e as escolhas lexicais acabou gerando uma situação desagradável e constrangedora que poderia ter sido evitada se os participantes tivessem maior conhecimento do internetês. O maior discernimento e consciência do peso das palavras e a forma como são usadas é essencial para qualquer interlocutor, mas se torna primordial em um meio onde não dispomos de adventos externos à escrita para nos ajudar.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, J. C. O internetês não é língua portuguesa? *Vida e educação*, ano 4, n. 13, p. 28-29, mar./abr. 2007.

BISOGNIN, T. R. *Sem medo do internetês*. 1 ed. Porto Alegre: AGE, 2009.

CORREA J.; GOMES A.L. Escrita teclada x escrita padrão na produção textual: a experiência de adolescentes brasileiros. *Revista Portuguesa de Educação*, 22(1), p. 71-88, 2009.

COSTA, C. F. Internetês – A linguagem do mundo virtual. *Revista profissional mestre*, agosto, 2007.

_____. *Revolução da linguagem*. Tradução de Ricardo Quintana. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

DECKERT C. T.; LINCK I. M. D. A linguagem dos internautas: desvio, dialeto ou abreviação. *IX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul*, 2008.

FONSECA, J. *Pragmática linguística*. Introdução, teoria e descrição do português. 1. ed. Porto: Porto Editora, 1994.

FREITAG. R. M. K.; FONSECA E SILVA, M. Uma análise sociolinguística da língua utilizada na internet: implicações para o ensino da língua portuguesa. *Revista Intercâmbio*, v. XV. São Paulo: LAEL/PUC-SP, 2006.

GARCIA, B. R. V. et al. (Orgs.). *Análises do discurso: o diálogo entre as várias tendências na USP*. São Paulo: Paulistana, 2009. Disponível em: <http://www.epedusp.org>

GODOI, E.; RIBEIRO, A.; BERWIG. C. A. Mal-entendidos linguísticos: a interface entre o poder e a polidez na comunicação organizacional. *II Congresso Brasileiro Científico de Comunicação Organizacional e Relações Públicas*, Belo Horizonte, abril de 2008.

KOMESU, F. Internetês para interneteiros: (velhas) questões sobre escrita. *Estudos Linguísticos*, XXXVI(3), set-dez, 2007, p. 100-107.

_____. Pensar em hipertexto. *Interação na internet: novas formas de usar a linguagem*. Organizado por Júlio César Araújo e Bernardete Biasi-Rodrigues. Rio de Janeiro: Lucena, 2005, p. 87-108.

_____.; TENANI, L. Considerações sobre o conceito de “internetês” nos estudos da linguagem. *Revista Linguagem em (Dis)curso*, v. 9, n. 3, set/dez 2009.

LABOV, W. *Padrões sociolinguísticos*. São Paulo: Parábola, setembro de 2008.

LEFFA, V.J., (Org.). *Pesquisa em linguística aplicada: temas e métodos*. Pelotas: EDUCAT, 2006.

MAGNABOSCO, G. G. Hipertexto e gêneros digitais: modificações no ler e escrever? *Revista Conjectura*, v. 4, n. 2, p. 49-63, maio/ago. 2009.

MARCONATO, S. A revolução do internetês. *Revista Língua Portuguesa*, v. 1, n. 5, 2006.

MARTIN, J. R.; WHITE, P. R. R. *The Language of Evolution. Appraisal in English*. 1. ed. New York: PALGRAVE MACMILLAN, 2005.

MATSUMOTO, R. Linguagem, internet e legendagem: um caso de deslocamento discursivo na mídia. In: GARCIA, B. R. V. et al. (Orgs.). *Análises do Discurso: o diálogo entre as várias tendências na USP*. São Paulo: Paulistana, 2009. Disponível em: <http://www.epedusp.org>

MURANO, E. A maturidade do internetês. *Revista Língua Portuguesa*, São Paulo, 2009.

_____. O texto na era digital. *Revista Língua Portuguesa*, São Paulo, ano 2. ed. 64, 2011.

POSSENTI, S. Língua ou gramática, eis a questão. *Terra Magazine*, 2009.

_____. *Por que (não) ensinar gramática na escola*. São Paulo: Mercado das Letras, 1996.

RAMPAZZO, F. O internetês na escola. *Revista Língua Portuguesa*, São Paulo, 2009.

SCHITTINE, D. *Blog: comunicação e escrita íntima na internet*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

THURLOW, C.; BROWN, A. Generation Txt? The sociolinguistics of young people’s text-messaging. *Discourse analysis online*, 1.1., 2003. Disponível em: <http://extra.shu.ac.uk/daol/articles/v1/n1/a3/thurlow2002003-paper.html>